Evaristo Eduardo de Miranda

Revista Ave Maria, nº 10, out 96

A foice da Lua, no campo das Estrelas

No dia de Finados celebra-se a memória de todos os falecidos, os finados. Eles chegaram ao fim do seu tempo. O dia é solene, consagrado à lembrança dos antepassados, dos ascendentes e de todos os mortos. Este feriado é amplamente celebrado em todo o mundo. Os feriados são dias consagrados pelas sociedades à memória de algum evento, personalidade ou feito histórico. A consagração os faz sagrados, os coloca à parte. Nesses dias não se trabalha. O país se consagra a meditar, a lembrar.

Para muitos este feriado não lhes diz nada ou não cabe na sua perspectiva religiosa. Enganam-se. Os finados estão muito além de qualquer religião. Quem profana esta data esquece que teve ascendentes e antepassados. Perde a memória e, sem querer, profana a si mesmo. Que ascensão pode ter alguém na vida, quando não se lembra de seus ascendentes? A pessoa se esquece do Cosmos, de sua genealogia celeste e de que é semente de infinito. Muita gente vive ignorando que teve pai, mãe, avô, avó... Imagina-se só, começando em si mesmo, por se sentir triunfante e vencedor. Age como se fosse filho do nada e do vazio. Filhos do nada são sementes do caos. Na ascensão pessoal, a graça é a luz da consciência.

O finar evoca o findar e o morrer. Os finados chegaram ao fim (*fines*) e foram ceifados no seu tempo. O feno é a erva ceifada e seca que serve de alimento aos animais em períodos difíceis de inverno ou seca. Na Bíblia, o homem é comparado freqüentemente com a erva do campo. Finar e fenar são palavras com origens parecidas. Feno vem do grego *phaíno* e quer dizer brilhar, aparecer. Por isso epifania evoca manifestação, luz do alto que nos veio visitar. A reluzente lâmina

morte não apaga os finados, apenas os igualiza diante das leis da natureza.

A foice simboliza os ciclos de colheitas e renovação. A colheita se obtém cortando o caule. Como um cordão umbilical, ele liga o fruto à dependência da terra alimentadora. A colheita é o grão condenado à morte para servir de alimento, sustentando a vida, ou para germinar como semente. Sinal da progressão temporal e individual, a foice da morte brilha na noite de nossas vidas, como uma lua crescente que nunca declina. Por isso os católicos acendem velas ao lado de seus mortos: para lembrar que eles não se apagaram. Sobretudo quando, durante a vida, cortaram com a foice da consciência as ilusões do mundo e seus próprios egoísmos. Seus exemplos de vida os fazem brilhar, na lembrança dos que amaram e os amaram. A claridade de seus exemplos brilha como estrelas e pode ajudar os vivos a atravessar períodos desfavoráveis, alimentando-os de sua luz, de seu feno de luz - estocado nos corações. Neles, a luz trêmula da vela do batismo brilhou com toda a sua hesitação e beleza. Eles não viveram apagados, fizeram seu trabalho de luz. Sua memória é um facho, um feixe de luz. Por isso finados é dia de acender velas e de buscar a iluminação e a harmonia anterior.

No dia de finados é bom visitar os cemitérios, limpar e ajeitar os túmulos, acender uma vela na igreja ou em casa, pronunciar uma oração, fazer um minuto de silêncio (pelo menos!) e meditar... As crianças órfãs crescem com a memória viva de seus pais, mortos. Os adultos, com o passar dos anos, do tempo, vão colecionando seus mortos. A partir de certa idade, todos passam a ter seus mortos. Na velhice, todos se tornam órfãos. Ritualizar os mortos é terapêutico. Eles são a presença de uma ausência e não ausência de uma presença. Os ritos sagrados dão uma outra perspectiva ao tempo. Existe um tempo para tudo.

As honras fúnebres variam entre as culturas, mas sempre, existem e deveriam ser cultivadas. Se uma cultura perde a capacidade de honrar seus mortos é porque já não sabe honrar os vivos. Como sementes de humanidade, os mortos estão plantados e disseminados nos mais diversos lugares. A significação das honras prestadas aos mortos é sempre mútua, do morto para o lugar e do lugar para o morto.

Nossa vida não é uma ante-sala da morte. O passar dos anos anuncia o prometido a todos e para sempre: a possibilidade de evolução pessoal a cada ano, o reinício perpétuo, a morte e o renascimento nesta vida. Isso pode realizar-se em cada um, em nossos familiares e amigos. Os finados nos lembram que não se trata mais de viver somente a inevitável passagem do tempo (*chronos*), as idades e o envelhecimento. O tempo - quarta dimensão do humano - pode ser um tempo de consciência, um tempo de graça, de iluminação e de vida plena. Um tempo definitivo (*kairós*).

***Evaristo Eduardo de Miranda** é Doutor em ecologia, pesquisador da Embrapa e autor do livro "Agora e na Hora - Ritos de Passagem à Eternidade" pelas Edições Loyola.*

Revista Ultimato, nº 254